

## **O PROTAGONISMO FEMININO NO SERTÃO CONTEMPORÂNEO: AS TRANSFORMAÇÕES EM MONSENHOR TABOSA-CE A PARTIR DA LIDERANÇA FEMININA**

Jéssica Mesquita Barbosa (1); Marcos da Silva Rocha (1); Francisco Amaro Gomes de Alencar (4)

*Universidade Federal do Ceará; jessicambarbosa0@gmail.com*

*Universidade Federal do Ceará; marcos.rocha@hotmail.com*

*Universidade Federal do Ceará; famaro@ufc.br*

**Resumo do artigo:** A história do camponês brasileiro é marcada por contradições, violência, desigualdades socioeconômicas e de gênero, entre outras. Podemos considerar o marco inicial das injustiças no campo a vinda de negros africanos e a utilização destes e dos índios para trabalharem forçadamente nas lavouras, que mesmo após sua libertação, continuaram reféns dos cabrestos dos grandes latifundiários. Um grupo, particularmente, foi ainda menos privilegiado e conseqüentemente um dos que mais teve capacidade de se organizar, sempre em sintonia com o surgimento de vários movimentos no campo: a mulher camponesa. Mulheres estas, que têm as mesmas jornadas de trabalho que os homens na plantação ou na criação de animais, e além disso ainda cuidam da casa e dos filhos. Este trabalho analisa o papel da mulher na liderança dos movimentos sem-terra no município de Monsenhor Tabosa – CE, município localizado no sertão central do estado do Ceará. Em meio a um contexto de seca, as mulheres assumem muitos papéis: presidente de sindicato rural, líderes quilombolas, diretoras e professoras de escolas do campo e escola indígena, ou são simplesmente mulheres comuns, que usaram da sua sabedoria e sensibilidade para conquistar igualdade e mudarem suas vidas e das pessoas que a cercam.

**Palavras-chaves:** Liderança Feminina; Movimentos Sociais; Sertão; Monsenhor Tabosa.

### **INTRODUÇÃO**

A história da Questão Agrária no Brasil é marcada pela desigualdade, repressão, autoritarismo e principalmente persistência da classe camponesa. Tal questão relaciona-se diretamente também ao modo de uso da terra e à distribuição de mercadorias produzidas no campo. Sendo o pequeno produtor o mais fraco na relação plantar/produzir → colher → escoar, principalmente quando o agronegócio está envolvido na dinâmica camponesa.

Quando o protagonismo feminino é posto como tema central de determinada produção, seja ela literária, acadêmica, comercial ou cinematográfica, a títulos de exemplo, logo pensamos em fragilidade, romance, negligência e/ou violência. Somos levados a esse pensamento por termos internalizados determinadas representações em nossa mente desde crianças. Podemos citar como exemplos a separação de cores que devem ser usados por cada gênero, a culpabilização da mulher/menina por agressões sofridas, entre outras. Tempos ainda hoje a reprodução de discursos

que trazem a mulher como frágil e por isso precisa de um homem para protegê-la, bem como o discurso de que ela deve ser a organizadora do lar e nada mais que isso, tudo isso foi sendo construído paulatinamente no imaginário social.

Apesar das conquistas de direitos, a desigualdade não foi totalmente superada, sendo um reflexo da tradição patriarcal brasileira (SOUSA & ADESSE, 2005). Isso é muito presente e desvelado nas cidades urbanas e rurais do Brasil. Contudo, como nossa visão parte, em grande parte das vezes, das médias e grandes cidades, não temos dimensão exata da dinâmica de violências e exploração nas quais as mulheres do campo estão inseridas. O campo brasileiro, por si só, é uma realidade conflitante e violenta desde sua gênese, tangencia nosso debate também a discussão sobre as contradições existentes entre a “terra de trabalho e terra de negócio” (MARTINS, 1991), e como isso vai deixando marcas históricas. É válido citar o argumento apresentado pelo professor Ariovaldo de Oliveira que já atravessa duas décadas permanecendo atual:

A imprensa brasileira tem registrado as evidências e as marcas da violência presentes nos conflitos sociais do campo brasileiro. Notícias sobre assassinatos de posseiros, boias-frias, líderes sindicais, agentes pastorais, padres e advogados têm sido comuns entre nós. Talvez pelo fato de terem se tornado quase diárias, ninguém mais toma sequer conhecimento delas. Com ou sem indiferença geral, a verdade é que muitos brasileiros perderam a vida na luta por um pedaço de terra no território do latifúndio. (OLIVEIRA, 1990, p. 19).

Diante disso, tornam-se cada vez mais necessários os movimentos organizados de trabalhadoras e trabalhadores do campo em torno de um bem comum às comunidades. Grande parte dos problemas dessas comunidades surge do modo de produção capitalista e seu consequente desdobramento no formato de latifúndios, e mais recentemente no avanço considerável do agronegócio, seja na produção alimentícia para exportação, seja na produção de agrocombustíveis. A bibliografia existente sobre o enfrentamento dos homens e mulheres do campo frente aos desafios apresentados pelos problemas citados anteriormente se mostra expressiva, porém, este artigo encontra o ponto focal da reflexão no papel feminino dentro destes movimentos. Pois partimos da hipótese de que as mulheres do campo além de terem que enfrentar as problemáticas retrocitadas, encontram-se ainda tendo que enfrentar o patriarcado.

Este artigo enfatiza o protagonismo feminino existente nos movimentos camponeses no sertão do Ceará, na cidade de Monsenhor Tabosa, no sertão central do estado. A questão agrária que envolve a presente discussão diz respeito ao capital produzido no campo e ao desenvolvimento que este leva àquele, ou supostamente deveria levar, assim como as relações de poder que dinamizam a vida da população rural.

A mulher do campo, historicamente menos remunerada, com mais afazeres (plantação, casa, filhos, etc.), ainda é vítima do patriarcado que em pleno século XXI. Mesmo essa problemática tendo assumido muita visibilidade recentemente, ainda é um problema latente que marca, metaforicamente, a rotina da mulher através do cansaço, das humilhações, da subestimação e marca também de modo literal, com cicatrizes e manchas de sangue.

Fazendo um contraponto à realidade supracitada, podemos citar a história de mulheres que se destacaram nas lutas feministas nordestinas, como Bárbara de Alencar, Margarida Alves e Francisca Clotilde. Elas, dentre várias outras, são inspiração e espelho das personagens principais deste trabalho, e suas histórias de vida nos ajudam a entender como uma sociedade pode ser cruel com as mulheres e que é possível ultrapassar os modelos sociais ditos tradicionais que submetem as mulheres a todo os tipos de exploração.

## **METODOLOGIA**

O contato com a realidade da mulher sertaneja se deu inicialmente através de uma atividade de campo realizada em Monsenhor Tabosa, como parte do programa da disciplina de Geografia Agrária do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). A atividade tinha o objetivo de relacionar os conteúdos dados em sala de aula com a realidade vivida no município, bem como ter contato com uma realidade que não é possível obter dentro de uma metrópole como a cidade de Fortaleza – CE. Visitamos o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Familiares de Monsenhor Tabosa – STTR (Imagem 03), o Quilombo Boqueirão, o Assentamento Santana e a Comunidade Indígena do Povo Caceteiro. Ao se estudar o espaço rural, deve haver uma preocupação do geógrafo com o mesmo e com a sua transformação em território (ANDRADE, 2010). Durante a aula de campo, discutimos e aprendemos a valorizar a vivência destes sujeitos, e mesmo que fôssemos detentores de um conhecimento acadêmico, durante a aula de campo percebemos que ninguém mais do que eles têm um conhecimento verdadeiro sobre a realidade, nos mostrando que devemos estar sempre abertos a novas experiências.

O protagonismo feminino está presente no STTR, no Quilombo, no Assentamento Santana e na Comunidade Indígena. Dessa forma, este artigo enfoca o relato e as narrativas que conhecemos durante a aula de campo, histórias de mulheres que enfrentaram a violência doméstica e a humilhação, como por exemplo, D. Mariodete (Imagem 01-A), hoje presidente do sindicato rural do município e líder do Quilombo do Boqueirão, que junto com outras mulheres, da comunidade como

D. Mazé (Imagem 01-B), luta contra o preconceito racial e pela das educação das crianças; Rita Francisco, que tanto lutou com os assentados, ocupando várias vezes a Secretaria da Agricultura e a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), tendo sido inclusive ameaçada de morte, conseguiu junto à comunidade a construção da Escola do Campo Florestan Fernandes (Imagem 02); Teka Potiguara (Imagem 01-C), que também depois de muito sacrifício, viu a construção da Escola Indígena da Comunidade Povo Caceteiro, na Aldeia Novo Mundo.

**Imagem 01:** O protagonismo feminino no Assentamento Santana, Monsenhor Tabosa - CE



Fonte: Acervo dos autores (2015).

**Imagem 02:** Entrada da Escola do Campo Florestan Fernandes



Fonte: Acervo dos autores (2015).

**Imagem 03:** Fachada do prédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Monsenhor Tabosa - CE



Fonte: Acervo dos Autores (2015).

A respeito do papel da mulher no contexto do campo no Brasil a contribuição de Cinelli e Jahn nos parece indispensável, as autoras afirmam que:

No início da década de 1980, em vários estados do Brasil, surgem movimentos autônomos de mulheres, com objetivos e ações em comum. Em muitas atividades se reuniam as diversas organizações para debater e refletir sobre a luta das mulheres camponesas. Fruto desse processo, em 2004 é consolidado o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) do Brasil, unificando os vários grupos estaduais. Sua ação se dá em torno do objetivo de libertação das mulheres, da construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica e a transformação da sociedade. (2011, p. 87)

Dessa forma, pretendemos fazer uma correlação entre esses fatos históricos que marcaram os movimentos femininos no Brasil, seja no campo ou na cidade, aos fatos que ocorreram no município de Monsenhor Tabosa, levando em consideração os avanços obtidos principalmente pela presença da liderança feminina e expor o quanto ela é importante e decisiva para as atividades que influenciam no dia-a-dia de toda uma população. Figuras femininas conhecidas do sertão nordestino, como Bárbara de Alencar e Francisca Clotilde entram na presente análise para compreender também o papel das figuras históricas dentro do contexto sertanejo, tais figuras históricas apesar das circunstâncias patriarcais ainda mais nítidas em suas respectivas épocas, foram contra as tradições e costumes em busca de seus objetivos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para pensar o papel do protagonismo feminino no sertão contemporâneo, é importante compreender que a mulher do campo é a base da situação socioeconômica de muitas cidades, pois vivemos em padrões patriarcais que obrigam as mulheres a trabalharem fora para contribuir no sustento de casa, criar os filhos e cuidar da casa. Deste modo, além das mulheres que tivemos contato no município de Monsenhor Tabosa, é importante inserir na nossa discussão outras personagens femininas que deixaram um legado e hoje são referências na luta por direitos, seja em vida, seja de forma póstuma.

Não podemos deixar de falar de Bárbara de Alencar, pernambucana erradicada no Crato - CE, que foi peça fundamental da Revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador de 1824. Enquanto o liberalismo europeu e os ideais de independências chegavam ao Brasil, ela e seus filhos se organizavam no sul do Ceará. Por isso, é considerada a primeira presa política do Brasil (ARAÚJO, p. 9. 2015); Francisca Clotilde foi a primeira professora da Escola Normal de Fortaleza, casada por duas vezes e mãe de dois filhos de pais diferentes entre os séculos XVIII e XIX e escreveu o livro “A Divorciada”, além de ser engajada no processo de abolição da escravidão no Ceará. Ousou por escrever e politizar, em uma época onde apenas homens tinham esse “privilegio”;

A violência doméstica, o preconceito, a baixa remuneração e os abusos foram responsáveis pelo surgimento de diversos movimentos feministas no campo, influenciados por outros movimentos, como o Movimento dos Sem-Terra, no campo, e o Movimento Feminista, principalmente nas áreas urbanas. Estes últimos se aproveitaram a redemocratização da década de 1950 para encorajar mulheres a irem as ruas em busca de igualdade de gênero. Segundo Cruz (2013):

Quanto ao movimento de mulheres trabalhadoras rurais, no contexto de crescimento dos movimentos sociais no país, as lutas iniciaram-se no início da década de 1980, sobretudo nas regiões sul e nordeste, destacando-se a atuação da Articulação de Instâncias de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sul (AIMTR-Sul) e do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR-NE).

Em novembro de 1986, Barueri-SP, aconteceu o I Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brasil, que contou com a presença de 36 mulheres de 16 estados do país, que teve como destaque a grande coleta e entrega de assinaturas com o objetivo de reivindicar uma nova Constituição que concedesse mais visibilidade ao campo e suas problemáticas. Em 1987, o

abaixo assinado foi entregue em Brasília pela Caravana das Mulheres Trabalhadoras Rurais, nascida no ano anterior. Esses foram os primeiros passos para que surgisse a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) em 1995 reunindo as mulheres de vários movimentos, como por exemplo, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Pastoral da Juventude Rural - PJR, Movimento dos Atingidos pelas Barragens – MAB, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA. Houveram acampamentos, formações políticas e ideológicas, celebrações de datas históricas como Dia Internacional da Mulher, Dia Nacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras Rurais Contra a Violência no Campo e por Reforma Agrária e elaboração de materiais informativos, como cartilhas e cartazes como forma de divulgação e conscientização. Esses movimentos transformaram a vida de muitas mulheres do campo, transformando algumas em notórias líderes no combate às desigualdades sociais e práticas misóginas no campo.

Uma personalidade que merece destaque é Margarida Alves que foi líder sindical rural, nascida no estado da Paraíba, que lutava por direitos trabalhistas para os agricultores. Foi assassinada por um matador de aluguel a mando dos grandes latifundiários da região em agosto de 1983. As palavras de Margarida ainda ecoam entre as mulheres trabalhadoras rurais e dão força para a luta diária por representatividade e melhores condições de trabalho e de vida no campo, conforme matéria da Revista Fórum (2015); Elizabeth Teixeira nasceu na Paraíba e entrou na militância por influência do marido João Pedro Teixeira, operário, que, por participar dos movimentos sociais, não era aceito por nenhuma empresa para trabalhar. Passaram fome e por isso, passaram a integrar no movimento dos camponeses. Seu marido sempre estava fugido em outras cidades e coube a ela cuidar dos filhos, com a ajuda dos companheiros, principalmente depois que seu marido foi morto a mando dos latifundiários. Ela continuou nos movimentos sociais, foi perseguida e presa pela ditadura militar.

Um das mulheres em Monsenhor Tabosa que foram influenciadas por essas mulheres, principalmente por Elizabeth, é D. Mariodete, a atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monsenhor Tabosa e líder da comunidade quilombola do Boqueirão, fugida da violência física do pai, tornando-se a primeira presidente mulher do sindicato, tendo forte influência política e social na cidade, sendo uma testemunha e mediadora dos conflitos agrários da cidade. Mesmo com sua representatividade, os quilombolas ainda sofrem com o preconceito das pessoas da cidade, que não os conhecem muito bem e os ataca com palavras de baixo calão em diversos lugares, inclusive na escola, onde as crianças sofrem preconceito da própria direção e coordenação, apesar de umas das moradoras ser professora concursada do município em umas das escolas; D. Mazé também mora na comunidade quilombola e sempre viveu da agricultura. Nas conversas que tivemos, relatou

que a escola da comunidade foi fechada, obrigando as crianças a irem de pau-de-arara às escolas da cidade vizinha, correndo risco de vida, e por isso, sempre vai até a câmara junto com outras mães pedir a reabertura da mesma. Também comentou sobre uma espécie de “êxodo masculino”, pois os homens sempre iam a São Paulo para trabalhar, inclusive seus próprios filhos. Ela cavou e construiu junto com seu marido uma mandala, uma espécie de tanque de criação de peixes, que exige bastante esforço físico, que por causa da falta de chuvas, a ideia não obteve êxito. Ela vive praticamente apenas como beneficiária do programa federal Bolsa Família por falta de chuva para sua plantação, que é vendida na feira de Boa Viagem; Teka Potiguara é a liderança da Aldeia Novo Mundo, onde vive o Povo Caceteiro. Esteve à frente do movimento pela construção da escola indígena da tribo, que tem seu calendário, estrutura física e pedagogia voltados para a tradição e ensinamentos potiguaras. Ela é a primeira índia da comunidade com ensino superior, em Pedagogia e Antropologia, e pós-graduação em Educação Escolar Indígena, oferecendo inclusive formação na língua tupi para os índios e moradores da região; Rita Francisco é coordenadora da Escola Florestan Fernandes, escola do campo do Assentamento Santana e esteve nas diversas mobilizações sociais para a sua construção e tem atuação importante na dinâmica do assentamento como um todo, pois a escola torna-se um ponto central, uma peça fundamental na organização da comunidade, pois além de ser um lugar de aprendizagem formal, aprende-se também a manusear a terra, a ser militante e lutar por seus direitos, além de tudo serve como ponto de encontro, discussão e lazer das pessoas da comunidade.

## CONCLUSÕES

Diante do exposto, podemos ver como a coragem, a força de vontade e sobretudo o protagonismo dessas mulheres frente às adversidades fizeram brotar uma história de luta e resistência em meio ao sertão cearense, mostrando-nos como organizações comunitárias comandadas, principalmente, por mulheres podem dar outro tom à realidade campesina.

Mulheres comuns, mães, professoras, trabalhadoras rurais, algumas mulheres com pouco ou nenhum estudo formal são as pessoas que vêm mudando a realidade na região, assumindo o papel de verdadeiras mestras na arte de viver e de se organizar em prol do bem da comunidade.

O contato com tal realidade, as conversas realizadas, as experiências trocadas, os saberes adquiridos dão fôlego à novas investigações nesse mesmo sentido, isto é, sabemos que apesar de todo o avanço político, cultural e social que a representatividade feminina tem alcançado, ainda parece ser incipiente as políticas públicas e os espaços de discussão em torno dessas questões. Este trabalho teve o interesse de expor a realidade exitosa das comunidades mais afastadas de

Monsenhor Tabosa com objetivo de motivar novas pesquisas e dar reconhecimento às mulheres que estão transformando a realidade local.

Finalizamos nosso texto com uma mensagem que extrapola os limites da prosa e desafia-nos a pensar e apreciar a realidade por outras vias, nesse caso, duas: o *poema* de Crisólogo Pereira e *fotografia* que nos traz uma lição de Miguel Arroyo nas paredes da Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Povo Caceteiro, na Aldeia Novo Mundo, em Monsenhor Tabosa...

#### Imagem 04: Alves Margaridas; Outros Sujeitos, Outras Pedagogias



Fonte: Elaboração dos autores (2016).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia. **GEOGRAFIA RURAL**: questões teórico-metodológicas e técnicas. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 5, n. 9, p. 5-16, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11992/6996>>. Acesso em: 16 set. 2016.

ARAÚJO Ariadne. **Bárbara de Alencar**. 3ª. Edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

CINELLI, C.; JAHN, E. F.; **A constituição de identidades camponesa e feminista no Movimento de Mulheres Camponesas**. Revista Espaço Acadêmico - Nº 117 - Fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11796/6546>>. Acesso em: 10 set. 2016.

CONHEÇA a história de Margarida Alves, que inspira a Marcha das Margaridas. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 15 agosto 2015. Disponível: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/08/12/conheca-a-historia-de-margarida-alves-que-inspira-a-marcha-das-margaridas/>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CRUZ, Teresa Almeida. **A CAMINHADA DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO BRASIL NA LUTA EM DEFESA DA VIDA**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386788616\\_ARQUIVO\\_TeresaAlmeidaCruz.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386788616_ARQUIVO_TeresaAlmeidaCruz.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2016.

ELIZABETH Teixeira: Mulher marcada para viver. **Comissão Pastoral da Terra**, Goiânia, 09 março 2012. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/noticias-2/13-geral/1004-elizabeth-teixeira-mulher-marcada-para-viver>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FRANCISCA Clotilde: transgressão através da palavra. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 08 março 2006. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/francisca-clotilde-transgressao-atraves-da-palavra-1.734493>>. Acesso em: 14 out. 2016.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1991.

OLIVEIRA, A. U. de. **A geografia das lutas no campo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1990.

SEDUC. Secretaria da Educação – Governo do Estado do Ceará. **Assentamento rural em Monsenhor Tabosa ganhará Escola de Ensino Médio**. Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/2862-assentamento-rural-em-monsenhor-tabosa-ganhara-escola-de-ensino-medio>>. Acesso em 15 ago. 2016.

SOUZA, Cecília de Mello; ADESSE, Leila. **Violência sexual no Brasil**: perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 188p.

